

190				
			41	✓

Índios kariri-xocó querem ajuda para chegar a D. Ruth

Marilena Neco

Quatro índios da Tribo Kariri-xocó, de Alagoas, estão há um mês em Salvador, sobrevivendo graças à ajuda dos moradores da Rua Jardim Alvorada, em São Cristóvão. Alojados em uma casa úmida e sem móveis e dormindo no chão, os índios estavam até ontem à espera de passagens para chegar até Brasília, onde têm audiência com a primeira-dama, Ruth Cardoso.

Segundo Yaporã, cacique do grupo, eles saíram de Alagoas com intenção de chegar a Brasília. Mas o dinheiro que possuíam era pouco e só dava para vir até Salvador. "Como eu já estive aqui há dois anos e conheço a dona da casa, falei com ela se poderia nos hospedar até conseguirmos recursos para ir falar com D. Ruth", afirmou Yaporã. Ontem, no final da manhã, os índios se mostraram mais animados com a confirmação das quatro passagens que os levarão hoje a Brasília, às 18 horas.

O cacique explicou que o motivo que os levou a sair de Alagoas é a aquisição de um veículo, "que não

precisa ser novo", conforme diz, e a demarcação de suas terras. Yaporã argumenta que já não saberia dizer qual das duas coisas é a mais importante. "O veículo vai nos permitir levar nossa cultura para outros lugares e transportar aquilo que conseguirmos para sobreviver", disse ele. "Mas a demarcação da nossa terra é algo que precisa ser feito, pois a nossa situação lá é muito precária. Há muita desnutrição, casos de cólera e só comemos quando o branco precisa de nossa força de trabalho e dá algum alimento por isso. Depois eles nos dispensam. Na verdade, vivemos à margem do branco", disse revoltado.

Yaporã explicou que enviou carta a D. Ruth pedindo o veículo, "que vai nos manter de pé", mas que a obrigação de viabilizar esta viagem deveria ser da Funai. "A Funai não mostra a real situação do índio. Eles dizem que o índio canta, dança, mas não diz que o índio canta e dança de barriga vazia", indigna-se.

Solidariedade

Argumentando que só volta de

Brasília com uma das duas coisas pretendidas, Yaporã disse que há cinco anos a situação da tribo estava melhor, "pois o Rio São Francisco passava a 10 metros da porta e a gente tinha pelo menos peixe para se alimentar. Agora que represararam o rio, estamos morrendo de fome", afirmou. Desconfiado diante das perguntas, mas seguro do que quer, Yaporã, pediu para que a reportagem não deixasse de falar o quanto eles se mostram agradecidos às pessoas de São Cristóvão que os estão ajudando.

"Se no governo de Alagoas tivesse uma Tia Ruth, que providenciou tudo aqui para a gente, e Tia Jó, que nos dá almoço e janta, as coisas lá estariam diferentes", diz o índio, referindo-se à Ruth Mendes dos Santos, secretária-geral da Associação de Moradores de São Cristóvão, e Joselita Pereira Almeida, moradora do lugar que comercializa "quentinhas". "É bom dizer que quem estiver nos ajudando, estará ajudando 3.030 pessoas que estão passando necessidade lá em Alagoas", afirmou o índio.